

PAULO FREIRE E EDUCAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO DE PANDEMIA

*Ramofly Bicalho**
(UFRRJ, Brasil)

*Diogo Dias de Paula Muniz***
(SEMERJ, Brasil)

 <https://doi.org/10.29404/rtps-v7i12.634>

Resumo: diante do contexto de caos pandêmico e contradições políticas, o cenário brasileiro atual, nos impulsiona às questões humanas desenvolvidas por Paulo Freire, em sua prática educativa. Este artigo tem como objetivo central, a partir de investigações teóricas, descrever elementos do pensamento freireano aprofundados no contexto de pandemia do coronavírus. O desenho metodológico considerou: os elementos do pensamento freireano na educação e as experiências pedagógicas populares; cultura e educação popular no contexto de pandemia: pontos e contrapontos. Nos resultados alcançados, entendemos que o pensamento de Paulo Freire é extremamente relevante e se estabelece além da sua época, considerando as reflexões acerca da humanização, ética, consciência crítica, resistência e esperança, em diferentes contextos, num diálogo estreito com os movimentos sociais e a educação popular.

Palavras-chave: Paulo Freire. Educação Popular. Conscientização.

PAULO FREIRE AND POPULAR EDUCATION IN THE PANDEMIC CONTEXT

Abstract: faced with the context of pandemic chaos and political contradictions, the current Brazilian scenario drives us to human issues developed by Paulo Freire, in his educational practice. This article has as main objective, from theoretical investigations, to describe elements of Freirean thought in depth in the context of the coronavirus

* Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atua como Professor Associado III no Departamento de Educação do Campo, Movimentos Sociais e Diversidade (DECAMPD) do Instituto de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), onde integra o quadro docente do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA) e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0571-6481>, e-Mail: ramofly@gmail.com

** Mestre em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atua como Professor de Educação Física na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. É membro do Grupo de Pesquisa em Pedagogia de Educação Física e Esporte (GPPEFE/UFRRJ). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4752-1068>, e-Mail: diogomunizjump@gmail.com

pandemic. The methodological design considered: the elements of Freirean thought in education and popular pedagogical experiences; popular culture and education in the context of a pandemic: points and counterpoints. In the results achieved, we understand that Paulo Freire's thought is extremely relevant and is established beyond his time, considering the reflections on humanization, ethics, critical awareness, resistance, and hope, in different contexts, in a close dialogue with social movements and popular education.

Keywords: Paulo Freire. Popular Education. Awareness.

PAULO FREIRE Y LA EDUCACIÓN POPULAR EN EL CONTEXTO PANDÉMICO

Resumen: frente al contexto de caos pandémico y contradicciones políticas, el escenario brasileño actual nos lleva a las cuestiones humanas desarrolladas por Paulo Freire, en su práctica educativa. Este artículo tiene como principal objetivo, a partir de investigaciones teóricas, describir en profundidad elementos del pensamiento freireano en el contexto de la pandemia del coronavirus. El diseño metodológico consideró: los elementos del pensamiento freireano en educación y las experiencias pedagógicas populares; Cultura y educación popular en el contexto de una pandemia: puntos y contrapuntos. En los resultados alcanzados, comprendemos que el pensamiento de Paulo Freire es sumamente relevante y se establece más allá de su tiempo, considerando las reflexiones sobre humanización, ética, conciencia crítica, resistencia y esperanza, en diferentes contextos, en estrecho diálogo con los movimientos sociales y la educación popular.

Palabras Clave: Paulo Freire. Educación Popular. Conciencia.

Introdução

Do Brasil para o mundo. Paulo Reglus Neves Freire, nasceu em Recife, no ano de 1921 e faleceu em maio de 1997, aos 75 anos. Reconhecido mundialmente, é um marco histórico da educação brasileira, com ampla e eficiente produtividade. A importância da sua metodologia, vinculada à educação popular, vai muito além da alfabetização de jovens e adultos nas escolas. Ela percorre ruas, igrejas, praças, universidades, sindicatos e movimentos sociais por esse mundo afora.

O presente artigo é fruto da Disciplina História da Educação, numa perspectiva emancipadora, realizada no PPGEduc – Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nosso objetivo principal foi compreender o processo de construção das experiências históricas e investigações teóricas acerca dos elementos críticos presentes no pensamento de Paulo Freire, aprofundados no contexto de pandemia do coronavírus. A pesquisa documental foi desenvolvida, predominantemente, em acervos bibliográficos. Entre as fontes de investigação, utilizamos Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado, periódicos e livros com referenciais teóricos vinculados ao pensamento freireano, além da sua vasta produção bibliográfica. Apoiamo-nos numa perspectiva sociológica de investigação e explicação dos processos sociais de participação dos sujeitos, enquanto seres históricos e culturais.

Justifica-se este estudo, especialmente, no centenário de Paulo Freire e pela necessidade de resistência, luta, autonomia, reflexão crítica, ética e esperança diante da atual conjuntura brasileira. Neste sentido, será possível estabelecer diálogos e breves reflexões acerca de diferentes contextos históricos, considerando as experiências de educação popular dentro e fora da escola, num diálogo estreito com os movimentos sociais, especialmente, em tempos de pandemia do Coronavírus.

Esse contexto, convoca-nos a responsabilidade de reavivar a caminhada histórica de libertação humana do caos e da opressão vivenciada por uma parte da sociedade. Num momento tão delicado de disseminação dessa pandemia mundial, a educação crítica e emancipadora é estratégica. Os elementos pedagógicos experimentados por Paulo Freire, podem ser vacinas para o Brasil doente de hoje. Vacinas que já foram descobertas e precisam ser partilhadas, gratuitamente. Nessa conjuntura, educar é um ato político.

Os elementos do pensamento desenvolvidos por Paulo Freire, fundam-se numa perspectiva crítica e reflexiva. Nesse artigo, mostraremos possíveis relações com a educação popular e a consolidação das lutas, em favor dos oprimidos e condenados da terra. Essa realidade histórica exige muito trabalho coletivo no enfrentamento da opressão, especialmente, no tocante às estruturas autoritárias, conservadoras e machistas que se mantém. Trata-se de uma tarefa histórica e de perspectiva crítica da realidade, unindo ação e reflexão, em vista do processo de humanização e libertação do ser humano.

Freire (2014a), no diálogo com a educação popular, apresenta alguns elementos em seu pensamento: amor, humildade, esperança, fé, confiança, autonomia, criticidade, reflexão, ação e ética. Conhecer tais elementos, a partir das ricas experiências pedagógicas de Paulo Freire, é urgente. O autor nos convoca a tecer críticas e reflexões acerca da expansão da educação bancária no Brasil, representada pela passividade, repetições e memorizações. Ele nos desafia romper com tal problema histórico, na perspectiva de consolidação dos inúmeros movimentos em prol da educação pública e emancipadora, transformadora da sociedade e ancorado por diálogos contínuos e permanentes.

Elementos do pensamento freireano na educação brasileira

A história da educação na sociedade brasileira foi mediada por injustiças, desigualdades, conflitos, lacunas e intensas lutas nas relações de dominação entre os grupos opressores e oprimidos. A classe trabalhadora foi, historicamente, desfavorecida e excluída do acesso a uma vida mais justa e igualitária para todos. Nessas lacunas, traremos a discussão acerca dos elementos do pensamento freireano, mostrando a necessidade de valorização das experiências pedagógicas do autor e a educação humanizadora, a partir de recortes históricos.

A leitura do mundo é um elemento importantíssimo no pensamento freireano, pois contribui para humanização das relações. O ser humano, segundo Freire (2014c), muito antes de escrever e desenhar a palavra, leu o mundo e a realidade dele. Nesse sentido, alfabetizar é um ato político e de conhecimento, criador de aproximações e, especialmente, novas relações de leitura do mundo. Sempre que a opressão atua, há divisão de classes entre opressores e oprimidos. Para Freire (2014b): as elites dominadoras conformam as massas populares a seus objetivos, mantendo o povo domesticado e passivo, privando-o

de decisões e da responsabilidade em fazer sua história. Uma verdadeira estrutura dominadora que os oprimidos acabam aderindo. Nessa conjuntura, suas mãos, historicamente, não foram utilizadas para leitura e escrita.

Libertar-se das desigualdades, injustiças, preconceitos e machismos sempre foi uma enorme dificuldade na história do Brasil. A libertação das relações opressoras, implica ação e reflexão dos homens sobre o mundo, com o objetivo de transformá-lo para além da conscientização e inserção crítica na realidade. A conscientização é um elemento pedagógico essencial no pensamento freireano. Ela pode contribuir para modificar situações de discriminação, preconceitos, assistencialismos e exploração da classe trabalhadora. Nesse sentido, a escola emancipadora pode contribuir na elaboração, teórico e prática, de pedagogias críticas, reflexivas e humanas. Freire (2014a) aponta a necessidade de superação da contradição entre opressores e oprimidos, enaltecendo a consciência crítica e política da realidade vivida pelos sujeitos.

A conscientização prepara os homens e as mulheres, no plano da ação, para lutar contra os obstáculos à sua humanização. Essa ação libertadora proposta para todos os sujeitos, individuais e coletivos, exige uma profunda capacidade de amar. Nesse sentido, é possível olhar com esperança, o permanente e progressivo processo de mudanças no mundo, através do diálogo, numa perspectiva teórico e prática, além da desconstrução da falsidade e do preconceito racial e étnico. A educação como prática da liberdade, pode contribuir para aumentar a responsabilidade ética e a convivência humana, características absolutamente indispensáveis na obra freireana.

O desenvolvimento da capacidade crítica em Freire permeia todo o processo de ensino e aprendizagem, numa estreita relação com as possibilidades de inquietação e curiosidade indagadora. O diálogo contribui na organização do trabalho e das massas, através dos movimentos populares, num esforço contínuo e coletivo de libertação. Os movimentos de lutas e as experiências com a pedagogia crítica e libertadora, em processo de permanente emancipação, exigem reflexões sobre a própria prática, a partir da conscientização dos sujeitos, individuais e coletivos. Na atual conjuntura, a ausência dessa tal criticidade freireana, pode ser um dos motivos de ampliação de uma determinada estrutura educacional que atende, predominantemente, o avanço industrial e econômico, em detrimento das questões humanas e sociais.

Experiências pedagógicas populares de Paulo Freire

Neste tópico, discutiremos alguns elementos pedagógicos freireano apontados na sessão anterior. Compreenderemos como tais elementos foram construídos e partilhados nas experiências pedagógicas de Paulo Freire. Identificaremos os resultados do processo de alfabetização e transformação na vida das pessoas, por meio da educação popular. Essas questões impulsionam, na atual conjuntura de conservadorismos, intensas reflexões, ações e intervenções pedagógicas, com sentidos e significados para docência atualmente.

Rameh (2005) aponta que a rapidez no processo de educação de jovens e adultos, na obra de Paulo Freire dos anos 50 em diante, colaborou com a alfabetização e conscientização crítica de trezentos trabalhadores/as rurais, em apenas quarenta e cinco dias. Eles aprenderam a ler e escrever, discutindo os problemas brasileiros presentes em

Angicos, Rio Grande do Norte. Seus resultados foram, categoricamente, evidenciados nas inovadoras experiências pedagógicas e metodológicas de alfabetização.

Para Rameh (2005), o sucesso da alfabetização freireana possibilitou a participação ativa dos sujeitos na compreensão crítica da realidade. Privilegiou-se o sentido geral e as especificidades das palavras, numa estreita proximidade com a realidade dos sujeitos. Paulo Freire, em seu programa de alfabetização, propôs que as palavras e os temas geradores partissem do universo dos grupos populares. Segundo Vittorio (2011), as palavras expressam a linguagem real, as preocupações, inquietudes, reivindicações e sonhos. Elas estão carregadas das experiências existenciais e políticas da comunidade e, não apenas, do educador.

Nesse contexto metodológico, é estratégico o desenvolvimento da leitura e escrita, considerando a diversidade das práticas vividas pelos sujeitos, individuais e coletivos. Conforme Rosas (2003), esse método de alfabetização e produção crítica do conhecimento, enaltece as possibilidades de diálogo, problematização e questionamentos. O pensamento pedagógico de Paulo Freire, centrado na realidade de vida dos sujeitos, respeita as etapas de aprendizagens dos estudantes, possibilitando-os processos de conscientização que solucionem os problemas do seu contexto social.

O desenvolvimento da compreensão crítica da realidade, pode contribuir na motivação dos sujeitos, abrindo espaços para autoconfiança e criatividade. Para Rameh (2005) essas características são conseqüências da consciência política e a utilização de materiais e textos extraídos da vida cotidiana dos alfabetizandos. Na prática, as palavras geradoras e os círculos de cultura podem colaborar com a organização curricular das secretarias municipais e estaduais de educação.

Paulo Freire, nas décadas de 50 e 60, estuda, dialoga, reflete, pesquisa e propõe processos educativos que contribuam com a emancipação da classe trabalhadora. Contribuição ideológica e politicamente comprometida com as causas e interesses das classes populares. Uma proposta metodológica, que segundo Rameh (2005), era fundamentada em elaborações filosóficas, sociopolíticas e pedagógicas. Ela se organizava com o objetivo de cooperar com o sistema educacional brasileiro, especialmente, nas ações que atendessem a realidade crítica dos educandos.

Por fim, em relação aos desafios da educação popular nas escolas brasileiras, a dificuldade de implementação foi sempre uma constante. Tanto o autoritarismo educacional, influenciado pela repressão militar, quanto a influência de outros modelos de educação internacionais, como do americano Dewey, objetivavam uma transformação social e cognitiva ligada a industrialização de massa no Século XX. Nesse modelo educacional, ao invés da reflexão política, especialmente, acerca da classe trabalhadora, objetivavam-se a resolução dos problemas presentes na sociedade industrial de massa. Nessa conjuntura, o pensamento pedagógico de Paulo Freire é essencial, pois fundamentava suas experiências e práticas educativas populares, valorizando os processos de alfabetização em situações de pobreza, miséria e fome. Para Freire (2015), onde haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar e há sempre o que aprender.

Cultura e educação popular na perspectiva freireana

Neste tópico, é imprescindível conceituarmos os termos cultura popular e educação popular no pensamento de Paulo Freire. Para o autor, o conceito antropológico de cultura, dialoga com a natureza transformadora do trabalho. Nessa interface, o homem produz história e se insere como sujeito criador. Para Vittorio (2011), Freire nos ensina superar o senso comum das tradições, do fatalismo e das acomodações, por meio de processos educativos e políticos. A partir dos círculos de cultura e posicionamento crítico diante dos problemas do mundo, desenvolveu ambientes culturais que privilegiaram debates, diálogos e desafios entre os sujeitos. A preocupação com a conscientização e autonomia diante das demandas sociais presentes na sociedade, foi sempre estratégica.

A cultura do silêncio, enquanto mecanismo de dependência e alienação, estudada por Paulo Freire, particularmente no livro *Pedagogia do Oprimido*, repercute no interior das relações estabelecidas na sociedade. Para Freire (2014b), é extremamente necessário romper com a opressão dos sujeitos que controlam e determinam, com suas vozes autoritárias, as relações humanas e sociais. A cultura do silêncio e da passividade não é a incapacidade de se expressar, mas sim, o silêncio político de aceitação da realidade que inibe a transformação. A opressão, direta e indiretamente, prioriza o silêncio. Ela pronuncia palavras de dominação e o estabelecimento de uma subserviência criada. Nessa lógica, Freire (2014b) conceitua a cultura da palavra, como cultura de resistência criativa. Segundo Vittorio (2011, p. 119),

As experiências de alfabetização de Paulo Freire nos ensinaram que aprender a ler e escrever não é simplesmente repetir palavras, mas criar e recriar palavras: a linguagem é expressão da cultura em suas identidades e particularidades. A Palavra, como imagem e o som, é um mundo político, uma codificação da realidade. Aprendemos a ser sujeitos da história e da cultura sendo sujeitos da palavra, de imagens e sons, construtores e inventores de linguagens.

A cultura e a educação popular colaboram na compreensão e transformação do mundo através das experiências, por meio dos movimentos de democratização, vivenciados pelas camadas populares, nas ruas, praças públicas e bibliotecas, além das produções sociais, artísticas, políticas e festas populares. Parte-se da prerrogativa que os aspectos culturais, em diálogo com a educação popular, são modos de compreensão crítica e emancipadora do mundo, com vistas a sua renovação e transformação.

As práticas de educação popular tiveram forte repercussão na Europa nas décadas de 1960 e 1970, especialmente na França, onde se difundiu a pedagogia popular de Freinet (1978). Para Vittorio (2011), a confrontação com experiências e teorizações da cultura popular brasileira e latino-americana, por volta de 1960, despertou o interesse pela educação popular em grupos sociais europeus. Segundo Manfredi (1981), o processo inovador de leitura, escrita e alfabetização desenvolvido por Freire, atraía interesse de vários países, especialmente, por utilizar conteúdos culturais voltados para criticidade dos problemas sociais, políticos e econômicos vividos pelos alfabetizandos. Esse processo de alfabetização, ao valorizar os aspectos culturais dos sujeitos, individuais e coletivos, compreende a dimensão crítica, criadora e democrática da educação popular.

Educação popular no Brasil

Até os anos de 1940, a educação popular no Brasil consistia, predominantemente, na oferta do ensino elementar para crianças das camadas populares, estendida aos

adolescentes e adultos não escolarizados. Eles eram organizados nos cursos supletivos noturnos e em classes de emergência, em geral, sob a responsabilidade de professores voluntários. Com a criação da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 1947, passou-se a utilizar o conceito de educação de base ou educação fundamental, principalmente, para o meio rural, a partir da implantação de uma grande Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos. No início dos anos 1960, por influência de Mounier sobre os grupos católicos de 1950, como por exemplo, a Juventude Universitária Católica (JUC), privilegiou-se a discussão dos conteúdos necessários para formação emancipadora. Nesse contexto, o aprendizado tradicional, tecnicista e industrial, predominante na época, é enfrentado.

As influências do pensamento freireano na educação popular ganhou força nos anos 60. Brandão (2002) aponta para intensas atividades de solidariedade em prol das questões humanas e sociais. Rosas (2003) relata a mobilização em favor da educação de adultos. Ela intensifica a articulação entre cristãos e marxistas, empenhados nos movimentos de valorização da cultura popular. Rameh (2005) sinaliza que o pensamento social cristão, vinculado ao Pré-concílio Vaticano II e as correntes de raízes marxistas, influenciaram as experiências de Freire na constituição de ações pedagógicas dialógicas centradas na educação popular. Conforme Freire (1963, p. 12),

Experimentamos métodos, técnicas, processos de comunicação. Retificamos erros. Superamos procedimentos. Nunca, porém, a convicção que sempre tivemos de que só nas bases populares e com elas poderíamos realizar algo de sério e autêntico para elas [...]. Foram as nossas mais recentes experiências, de há dois anos no Movimento de Cultura Popular do Recife, que nos levaram ao amadurecimento de posições e convicções que vinham alimentando desde quando, jovem ainda, os nossos contatos com proletários e sub-proletários, como educador.

Nessa perspectiva metodológica de valorização da educação popular e estreito diálogo com a leitura e escrita, Paulo Freire coordenou inúmeros projetos, círculos, secretarias e movimentos de cultura popular, vinculados a grupos de alfabetizando e estudantes universitários. Sua participação na luta contra o analfabetismo, através das campanhas de educação popular, somou-se ao sonho de construção de uma universidade popular, no início dos anos 60.

Os debates acerca da educação popular e as propostas de educação de adultos defendidas por Paulo Freire, são reconhecidas na América Latina, por influência de grupos protestantes progressistas. Em 1970, com a publicação da primeira edição do livro *Pedagogia do Oprimido*, percebe-se claramente a incorporação da teologia da libertação, além dos referenciais marxistas.

Os conceitos de cultura popular e educação popular, neste recorte histórico, ajudam-nos a compreender a origem e a dinâmica de liderança e popularização dos grupos católicos, a partir da cultura. Esses grupos, movidos pelos movimentos sociais, influenciaram Paulo Freire e contribuíram na promoção do método de alfabetização. Posteriormente, sob a liderança dos grupos marxistas, foi implantado o plano nacional de alfabetização.

Diante dos argumentos apresentados, compreendemos que a educação popular defendida nos diferentes movimentos sociais, contribuíram ativamente para fortalecer o processo de democratização na sociedade brasileira, suas lutas cotidianas e organização política. A educação popular assumiu a organização e sistematização dos saberes

emancipadores, tanto nos processos de alfabetização de adultos, quanto na produção do conhecimento crítico, defendido nos ambientes universitários.

Nessa conjuntura, a metodologia utilizada por Paulo Freire se populariza, a partir das necessidades concretas dos sujeitos, individuais e coletivos. Sua amplitude no atual contexto, ao contrário do que muitos pensam, contempla a alfabetização de jovens e adultos, a educação infantil, o ensino fundamental e médio, além das universidades. Ela é essencial no sistema educacional brasileiro, nos processos históricos de conscientização e permanente interação com educadores, educandos e a comunidade no entorno das escolas. Os elementos do pensamento reflexivo e das ações de aprendizagem em Paulo Freire, foram construídos a partir de práticas educativas geradas com a classe trabalhadora, numa relação dialógica e democrática. Rameh (2005) enfatiza que o método foi construído por meio de gestos, símbolos e significados, cujo resultado é a transformação dos sujeitos, através do diálogo, em especial, com a cultura popular.

Educação popular no contexto de pandemia: pontos e contrapontos

Os elementos do pensamento freireano, tais como: sensibilidade, conscientização crítica, reflexão, autonomia, responsabilidade ética, esperança, amor e tantas outras temáticas por ele desenvolvidas, além de atuais, são bem-vindas em tempos de pandemia da COVID-19. Tais elementos, diante das medidas restritivas de isolamento social e higienização, pode contribuir no controle da disseminação da pandemia, que sobrecarrega o sistema de saúde e aumenta o número de óbitos.

Em tempos de Coronavírus, toda estrutura socioeconômica mundial foi abalada. A pandemia mostrou que a ciência é muito importante, mas ainda limitada e com resultados antagônicos. As rotinas foram alteradas, os discursos, práticas políticas, atitudes e contratos de grandes empresas cancelados. Pesquisadores e epidemiologistas acionaram extensas redes de especialistas para entender o que está acontecendo, com projeções do que devemos fazer. Esse contexto exige responsabilidade e conscientização nas ações tomadas pelos sujeitos, individuais e coletivos. A compreensão dessa crise de saúde pública, deve nos mover para diversas reflexões, dentre elas, a crise mundial do capital.

O capital ao se reproduzir, produz alienação. Não é possível, capitalismo sem alienação, exploração e opressão. Olha a agonia que estamos vivendo com o capitalismo global e a destruição do meio ambiente, gerando pandemias e todo tipo de desordens para uns poucos bilionários continuarem seu processo de enriquecimento. Essa lógica capitalista, extremamente contraditória, individualista, irresponsável e displicente com as questões sociais, separa vida, trabalho e prática social (FRIGOTTO, 2018). Exemplo maior de opressão são as péssimas condições de trabalho dos entregadores, por aplicativo.

As políticas neoliberais defendem uma educação improvisada, com foco na formação conteudista, competitiva e meritocrática. Tem como objetivo principal, a obtenção de resultados e o estabelecimento de rankings. O neoliberalismo apontado, impõe discursos que recusam a utopia, sacrifica a esperança e os sonhos, além de despolitizar a prática educativa, aspectos tão bem apresentados e defendidos por Paulo Freire. Nessa conjuntura, é importante sinalizar para intensa visão mercadológica presente na educação brasileira, especialmente, no contexto de pandemia.

A burguesia brasileira, nestes tempos difíceis de calamidade, com o cancelamento das aulas presenciais, implantação das tecnologias de informação e comunicação, trabalho remoto, educação virtual, aulas *on-line* e *lives*, criou mecanismos que contribuíram para o aumento da sua renda e patrimônio, por meio de patrocínios privados, dinheiro público e doações sensacionalistas na internet. Nessa conjuntura, é extremamente necessário romper com a negação de direitos e o aprofundamento da desigualdade educacional que, inclusive, retroalimenta as demais desigualdades, como por exemplo, econômica e social, prejudicando, obviamente, aqueles que mais precisam.

Nosso maior receio é que a educação online se transforme ainda mais numa mercadoria. É triste constatar que as empresas de tecnologias educacionais terão um caminho fértil no interior desse Estado ultraconservador, neoliberal, reacionário e neofascista. Com a diminuição do Estado e a transferência, para iniciativa privada, daquilo que é sua responsabilidade, as consequências serão imprevisíveis para educação pública. Creio que nossa maior responsabilidade é romper com esse processo de privatização, por dentro, cada vez mais intenso.

Aproveitando o caos e a suspensão das aulas, um mercado muito promissor de educação online¹ foi apresentado às famílias e escolas. Imediatamente, o sistema de ensino brasileiro é impulsionado para o consumo, em massa, de recursos e infraestrutura tecnológica virtual, com investimentos em *Smart TV*, assinaturas de canais, acesso a plataformas, compras de pacote de internet, celulares com eficiente capacidade de armazenamento e velocidade, além da produção de aulas online (vídeo aulas). Nessa conjuntura, a releitura de Freire (2014b) é essencial, pois o uso da ciência e tecnologias podem ser manipulados como formas de opressão.

Queremos salientar que a crítica é em relação ao Ensino à Distância na forma como ele está posto e não em relação as ferramentas tecnológicas. Este modelo não pode ser aceito em substituição ao ensino presencial, nem para substituir o professor na escola. Ou seja, com outro projeto educativo, a tecnologia é muito bem-vinda. É um equívoco discutir o Ensino à Distância apenas do ponto de vista do acesso às tecnologias e treinamento de professores. Essas questões podem ser resolvidas com certa tranquilidade, do ponto de vista privado. Muda-se, inclusive, a natureza de atuação do professor. A precarização é tamanha. Cabe aos professores, apenas resolver os problemas apresentados nas plataformas.

Quantos relatos ouvimos de educadores e educandos pressionados com as exigências impostas pelas aulas online. Uma estrutura de funcionamento complicada, sem internet e computador, além das demandas familiares, cuidados com crianças e idosos em casa. Constata-se ainda, as dificuldades na utilização dos equipamentos tecnológicos e mídias digitais e um abismo na diferenciação entre as regiões mais afastadas das grandes metrópoles, historicamente, com menor infraestrutura tecnológica e recursos financeiros. Quanta exclusão, quando a prioridade absoluta dos sujeitos, individuais e coletivos, deveria voltar-se aos cuidados de contaminação e ampliação das redes de solidariedade.

¹ Educação online é quando os sujeitos podem até encontrar-se geograficamente dispersos (diferente da Educação a Distância – EAD), entretanto, em potência estão juntos e próximos, compartilhando informações, conhecimentos, seus dispositivos e narrativas de formação, a partir da mediação tecnológica das e com as interfaces e dispositivos de comunicação síncronas e assíncronas e de conteúdos hipertextuais disponíveis no ciberespaço a partir do ambiente de aprendizagem virtual (SANTOS, 2019, p. 62).

Os lares se tornaram escola. Os familiares mediam a produção do conhecimento, no mesmo instante que realizam ações de sobrevivência. Os educadores são, direta e indiretamente, obrigados a desenvolverem suas atividades online, caso não queiram se arriscar na perda do emprego. A função social da escola, volta-se, predominantemente, aos conteúdos, tarefas, resultados e competitividade. As famílias são forçadas a estabelecer uma maior relação de dependência com os meios digitais e televisivos, ampliando o consumo e os ciclos de produtividade do capital. A opressão criada para o retorno das aulas presenciais, tem como justificativa, a necessidade de manutenção do mercado de trabalho.

Vivenciamos o acirramento das disputas de concepções antagônicas de sociabilidade da escola, baseada, especialmente, na competitividade. Na contramão das ações solidárias, o cenário neoliberal imputa aos educadores, educandos e familiares, algumas opções e não escolhas. A pressão criada para o retorno das aulas presenciais, é impulsionada pela necessidade do mercado e a volta dos pais ao trabalho. O trabalho remoto e as rotinas com o processo de ensino-aprendizagem, baseado nas aulas online, deixarão rastros em todos os setores, classes sociais, escolas e universidades.

Segundo Freire (2014), a humanização vem dos homens e não das máquinas. A tecnologia, como importante instrumento comunicativo, pode ser construtiva no desenvolvimento de relações socialmente saudáveis. As escolas, nesse sentido, podem desenvolver o que temos de maior riqueza, as relações humanas. Elas são absolutamente necessárias. O enfrentamento e a transformação da atual conjuntura, são extremamente possíveis, desde que se estabeleçam diálogos e reflexões acerca das ações desenvolvidas pelos sujeitos. Importa colocar-se na marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível (FREIRE, 2015).

Neste sentido freireano, a escola deve reivindicar sua autonomia e consolidar a organização de projetos contextualizados, com planejamento e métodos didático-pedagógicos coerentes com as histórias, memórias, identidades e a realidade de vida dos educadores e educandos. A comunidade escolar, ao refletir sobre os problemas apresentados, estabelece coletivamente, as estratégias de resolução, num movimento de conscientização socialmente construído por todos e com todos. A constituição das redes de diálogos, os ambientes democráticos e o estabelecimento das relações entre escolas, educadores, educandos, familiares e comunidade, são essenciais no empoderamento dos princípios pedagógicos freireano.

Entendemos que os elementos do pensamento de Paulo Freire, contribuem para as reflexões acerca dessa pandemia. São estratégicas as ações de solidariedade e cuidado, baseadas nas relações humanas, de consciência crítica e ética, especialmente, no processo de esperança representado pela educação. Neste caso, as tecnologias de comunicação e a rede de internet podem contribuir na troca de afetos, encorajamento, palavras positivas, sentimentos e motivações aos educadores, educandos e familiares. Segundo Santos (2019), a comunicação virtual da educação online pode comunicar esperança, valores humanos, sentimentos, sentidos e significados entre os sujeitos. Nessa mesma linha de raciocínio, Freire (2014b) sinaliza para um mundo que priorize a esperança, o amor e a consciência crítica.

Nesta perspectiva crítica e reflexiva, os pontos e contrapontos discutidos foram essenciais no registro da realidade. Entendemos que a pandemia colaborou na reflexão dos

país e governantes acerca da importância dos educadores. Ser professor, exige profissionalização e expertise. Freire (2014b) acreditava nas lutas como possibilidades de superar as adversidades e contradições, sem descartar a esperança, o amor e as relações humanas entre opressores e oprimidos. As reflexões, ações e lutas são estratégicas na libertação dos oprimidos.

A grave crise de calamidade pública e sanitária que vivemos, agravada pela falta de investimentos em saúde e educação, exige mobilização e comprometimento na humanização das relações (FREIRE, 2014a). O momento exige cuidado das famílias, sobretudo, dos estudantes que vivem em situações de vulnerabilidade. As ações de solidariedade foram notórias em algumas ONGs, associações, grupos de voluntários, movimentos sociais e igrejas, distribuindo toneladas de alimentos e kits de higiene pessoal às pessoas mais necessitadas.

Entendemos que o enfrentamento ao avanço nocivo do conservadorismo e do neoliberalismo é possível e a COVID-19 pode ter contribuído com as inúmeras possibilidades de solidariedade e humanização das relações humanas e sociais. A solidariedade de classe não é recente. Vejam o exemplo da distribuição de cestas básicas e sementes crioulas organizadas pelo MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Centenas de toneladas de alimentos saudáveis da nossa agricultura familiar, orgânica e agroecológica, que alimenta mais de 70% da população brasileira, produzidos nos assentamentos e acampamentos da reforma agrária.

Por outro lado, nos entristece observar, mercados e indústrias alimentícias, superfaturando produtos essenciais, com o único objetivo de obter maiores lucros. Grandes empresários demitindo funcionários para preservação do capital. Mão de obra barata, gerando desvalorização profissional e aumento do número de desempregados. Direitos da classe trabalhadora retirados, deteriorando ainda mais as condições de vida da população. Todas essas questões afrontam os princípios constitucionais, especialmente, aqueles vinculados ao direito à educação.

Considerações finais

No referido artigo descrevemos alguns elementos do pensamento de Paulo Freire em diferentes contextos históricos, especialmente, em tempos de pandemia do Covid-19. Os elementos identificados relacionam-se com as reflexões acerca da humanização, responsabilidade ética, resistências, lutas, esperança, sensibilidade, encorajamento e conscientização crítica.

A luta por escolas, numa perspectiva prática, educativa e libertadora é, atualmente, um enorme desafio para sociedade brasileira. Colaborar na construção do conhecimento teórico, prático e emancipador, produzido por educadores e educandos, conscientes da sua função social transformadora e análise crítica da realidade, é outro intenso desafio. O empoderamento dos sujeitos, individuais e coletivos, nas tomadas de decisões acerca das ações transformadoras, passa por processos de reflexão-ação-reflexão necessárias nas escolas brasileiras.

Embora tenhamos a possibilidade de modificar a sociedade, rompendo com conservadorismos e autoritarismos, numa perspectiva metodológica libertadora, baseada

nos princípios freireanos, as escolas, em sua grande maioria, não estão libertas do tradicionalismo pedagógico. Nessa enorme utopia, Brandão (1981) afirma que é possível um sistema de educação do homem, do povo e de todas as pessoas, por extensão. Ele imaginou inverter a direção e as regras da educação tradicional, em diálogo, com os sujeitos, individuais e coletivos, conscientes da necessidade de mudarem suas vidas e a sociedade.

A proposta educativa de Paulo Freire foi situada como parte de um conjunto maior da educação popular, especialmente, com a participação coletiva dos sujeitos nas famílias, escolas, universidades e movimentos sociais. Tais espaços são criados e recriados, no decurso da história e no processo de libertação, como ele mesmo insistia em afirmar. Não temos dúvidas de que, estando vivo, permaneceria lutando, pois muitos dos problemas educacionais apresentados nas décadas de 1950 e 60, permanecem atualmente: as altíssimas taxas de evasão escolar na educação de jovens e adultos, além das dificuldades acerca da educação do campo, indígena e quilombola.

As escolas brasileiras ainda têm o desafio de elaborar e implementar projetos político-pedagógicos norteados, predominantemente, nas dimensões freireana. Tais atitudes devem ultrapassar as paredes e o chão da sala de aula, num intenso envolvimento com o cotidiano e as histórias de vida de educadores, educandos e comunidade. Segundo Freire (1987, p. 68), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Um mundo de conhecimentos teóricos e práticos, com rigor metodológico e organizado, contribuindo com as intervenções integradoras e coletivas na sociedade.

Nesse sentido, qual é o papel da escola, numa conjuntura de pandemia? Entendemos que sua prioridade deve ser o apoio às famílias e dificuldades por elas vivenciadas. Mobilizar as pessoas na ajuda aos mais necessitados, é estratégico como questão de sobrevivência. A escola deve fazer contato sim com os estudantes, tendo como objetivo principal, aumentar as redes de solidariedade. Compreender que grande parte dos familiares, com baixíssimo poder aquisitivo, podem estar às voltas com o desemprego, dificuldades financeiras e perda de entes queridos. Ainda não é hora de tacar conteúdo. Falar de avaliações, trabalhos e provas. É hora de apoiar as crianças, jovens e adultos. Saber o que está acontecendo. Esse não é o momento de disputas e exigências descabidas aos professores, estudantes e familiares.

Reiteramos que não existem condições de aprendizagens nas casas. Nem todos os professores e estudantes tem um ambiente adequado para desenvolver atividades escolares. Nem todos possuem os equipamentos e recursos necessários para educação à distância. E mesmo se tivessem, não podemos aceitar a improvisação dos pais como professores/as. Isso seria reconhecer, no limite, que não precisamos mais formar professores no Brasil.

Inúmeros aprendizados e experiências ocorreram nesta pandemia. Nesse sentido, devem ser refletidos com conscientização crítica. Aprendemos que a vida só tem sentido, com sensibilidade, cuidados e solidariedade. A felicidade pode estar nas coisas mais simples da vida. Ela é o nosso bem mais precioso. A ciência, embora importante, ainda é limitada. A epidemia criou excepcionalidades. Ela aguçou as contradições de classe e aprofundou as desigualdades. Com tantas experiências de opressão, resta-nos ler Paulo Freire e mobilizar os sujeitos, individuais e coletivos, acerca da necessidade de valorização

da educação popular libertadora. Podemos coletivamente, conectar pessoas, inspirar corações, movimentar mentes, abraçar necessidades e caminhar juntos, na construção de um mundo melhor, como ato de esperança (FREIRE, 2014).

Por fim, queremos ainda defender a utilização da tecnologia para o fortalecimento de projetos coletivos. Tais projetos podem aliviar os professores, estudantes e seus familiares no desenvolvimento de outras tarefas que não sobrecarreguem ainda mais as pessoas. Reconhecer o valor inestimável da atividade docente, embora avance, a longos passos, a precarização do trabalho. Estamos todos e todas determinados pelas condições políticas, históricas, culturais e econômicas. Temos condições de defender e lutar por projetos formativos apoiados nas ações coletivas do desenvolvimento humano, em todas as suas dimensões de totalidade. Pistrak (2010) e Makarenko (2002), clássicos educadores russos, insistiam que a escola deveria ser o centro cultural da comunidade, conectada com a vida das pessoas e, portanto, que mobilizasse a comunidade para avançar diante das suas necessidades e limitações. Colocar no interior da escola a vida coletiva presente no seu entorno, é a nossa maior tarefa.

Referências

BICALHO, Ramofly. Aulas da disciplina: Educação Brasileira na Contemporaneidade. Curso de **Mestrado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares** (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). 1º Semestre de 2018.

BRANDÃO, Carlos. In: Paulo Rosas (Org.) **Paulo Freire: Educação e Transformação Social**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

BRANDÃO, Carlos. **O que é método Paulo Freire**. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1981.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm. Acesso em 28 de Abril. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 28 de Abril. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sobre a doença. O que é covid19. Brasília. DF. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em 28 de Abril. 2020.

FREINET, Celestin. **Nascimento de uma pedagogia popular**. Lisboa: Estampa, 1978.

FREIRE, Paulo. **Conscientização e Alfabetização**. Uma visão prática do Sistema Paulo Freire. Estudos Universitários. In: Revista de Cultura da Universidade do Recife, n. 4, abr-jun, 1963.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação.** Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade.** Ed. Paz e Terra, 36ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo, 2014a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 24ª ed.; São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos.** Organização e participação Ana Maria de Araújo Freire. - 2ª ed.; São Paulo, SP: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 57ª ed.; Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis.** São Paulo: Paz e Terra, 2014c.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real.** São Paulo: Ed. Cortez, 2018.

MACIEL, Jarbas. Estudos Universitários. In: **Revista de Cultura da Universidade do Recife.** n. 4, abr-jun, 1963.

MAKARENKO, Anton. **Vida e Obra. A Pedagogia na Revolução.** SP: Expressão Popular, 2002.

MANFREDI, Silvia M. **Educação profissional no Brasil.** Ed. Cortez, São Paulo, 2002.

MANFREDI, Silvia M. **Política e Educação Popular.** (Experiências de Alfabetização no Brasil com o Método Paulo Freire – 1960/1964) Ed. Cortez, São Paulo, 1981.

PISTRAK, M. **Fundamentos da escola do trabalho.** SP: Expressão Popular, 2000.

RAMEH, Letícia. **Método Paulo Freire: Uma contribuição para a história da educação brasileira.** V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22 de Setembro 2005. – Faculdade de Ciências Humanas de Olinda.

ROMANELLI, O. O. **História da Educação do Brasil: (1930/1973).** 36. Edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

ROSAS, Paulo. **A Filosofia Educacional de Paulo Freire.** (Texto apresentado na inauguração do Centro de Desenvolvimento de Competências do CIEE). Recife, 2003.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na Cibercultura.** Teresina: EDFPI, 2019.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 17ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VITTORIO, Paolo. **Narrando Paulo Freire**: por uma pedagogia do diálogo. Tradução Marcia Wolf. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

Submetido em: 02/11/2022

Aprovado em: 30/12/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença
[Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)